



## Homoerotismo na idade antiga: uma análise lexical da *Ecloga Secunda* (1784) de Públio Virgílio Maro

O presente artigo busca realizar uma análise lexical da **Ecloga Secunda**, do poeta mantuano Públio Virgílio Maro. Para tanto, será empregada a edição de 1784 – ex-editione de Petrus Burmannus – realizada por Andrew Foulis. No labor da análise, optamos por apresentar o fac-símile do texto editado, dada a maior confiabilidade de semelhante modelo.

Objetivamos analisar como o homoerotismo é apresentado no poema. Nesse mister, realizamos uma análise lexical dos termos empregados pelo poeta (na voz de seu personagem) para referir-se ao objeto de seu amor, bem como ao sentimento de amar.

O presente estudo é de relevância, pois, muitas vezes, quando diante de um texto da Antiguidade Clássica, o estudante sói realizar uma leitura anacrônica do que é apresentado. Assim, determinados termos, construções lexicais, referências e figuras de linguagem costumam ser mal interpretadas.

Além disso, não são raros os estudos de literatura clássica que desconsideram a materialidade textual, ressaltando ape-

nas a história, sem se aprofundar nos recursos textuais empregados. Por esse motivo, uma análise capaz de oferecer subsídios interpretativos é fundamental no auxílio para que a pessoa discente se aproprie da literatura em diferentes contextos.

### CORYDON, ALEXIS E O “AMOR GREGO”

A *Écloga Segunda* trata de um amor não correspondido entre o pastor Corydon e Alexis. Infere-se que Corydon é um homem mais velho e senhor de terras. Já Alexis é lido como um homem jovem e escravo de outro senhor, de nome Iolas.

O poema possui tom de monólogo, estando dividido em duas vozes: a do próprio poeta, que ambienta o leitor e lhe apresenta o mote do texto; e a de Corydon, que canta sozinho as desventuras de seu amor.

*In primo loco*, cumpre destacar que

Os romanos chamavam de família tudo o que estava sob o poder do pai de famí-



### Ariel Montes Lima

Ariel reside em Cuiabá- MT. Pessoa trans non-binary, é psicanalista e professora. Em 2022, publicou os livros *Poemas de Ariel* (TAUP), *Sínteses: Entre o Poético e o Filosófico* (Worges Ed.) e *Ensaio Sobre o Relativismo Linguístico* (Arche). Além disso, atua como professora bolsista de língua espanhola na UFMT. Também coordena o Projeto Ikebana Cultural, do qual foi membro-fundadora.

WhatsApp:(65) 99934-0423 | Email: gabrielfelipe0308@gmail.com



lia e que dividiam em três grupos: os animais falantes, os mudos ou semifalantes e as coisas. Assim, o pai possuía mulher, filhos e escravos como animais falantes, vacas e cachorros como animais semifalantes e suas casas e mobília como coisas. Em princípio, o pai tinha direito de vida e morte sobre os membros de sua família, ainda que, na prática, houvesse algumas limitações (FUNARI, 2002, p. 97-98).

Assim, o modelo de escravidão no qual se insere a figura de Alexis não deve ser associado à visão contemporânea do escravismo. Na realidade,

Quando uma pessoa se tornava escravo de alguém ela passava a exercer diversas funções para o seu patrão. Assim, passavam a atuar não só na agricultura como também nas manufaturas e na vida administrativa. Atuavam também como gladiadores e como professores. Realizavam diversas tarefas para seus patrões. A relação entre patrão e escravos era também marcada por relações sexuais. Era comum entre as elites romanas que os homens se relacionassem não apenas com as mulheres, mas também com outros homens, inclusive com seus escravos. (ANDRADE, 2023 apud FUNARI, 2002).

Ademais, Possamai (2022, p. 01) destaca o fato que “os gregos e romanos não opunham, como forma excludente, o amor pelo sexo oposto a um representante do próprio sexo. Entre eles a distinção se dava entre a temperança e a incontinência sexual.” Ainda por essa pers-

pectiva, Grimal (2005) e Foucault (1988) evidenciam que na sociedade romana da Era de Ouro, não havia tampouco uma denominação para o que hoje definiríamos como “homossexualidade”. O que havia era o chamado “amor grego”; é dizer: a pederastia. Vivido sobretudo pela aristocracia, tal ideal consistia na união de um homem mais velho pertencente a uma classe mais elevada com um mais jovem -geralmente, escravo do primeiro.

Entretanto, cumpre ainda salientar que há números outros modelos de pares homoeróticos (sempre masculinos) na poética virgiliana, qual também é o caso de Niso e Eurialo, presente na Eneida.

Desse modo, não cumpre também refletirmos que a noção de amor cantada pelos poetas clássicos (aqui cita-se também a *Ars Amatoria* de Ovídio) não se relaciona com o conceito de amor romântico, o qual se desenvolverá como tal apenas no século XVIII com a ascensão do romantismo.

**Além de sua beleza, neste fragmento há também o destaque para outra característica, a juventude/ infância da jovem.**

## A ECLOGA SECUNDA

Nessa seção, apresentamos a transcrição fac-similada do poema. De acordo com Melo (1981) e Bassetto (2001), tal forma de edição consiste na fotografia do texto através de meios mecânicos, de modo a reproduzir com muita fidelidade as características do texto original. Por essa razão, ela possui grau quase nulo de intervenção do editor. Não foi necessária transcrição, dada a fácil leitura do texto tipografado.

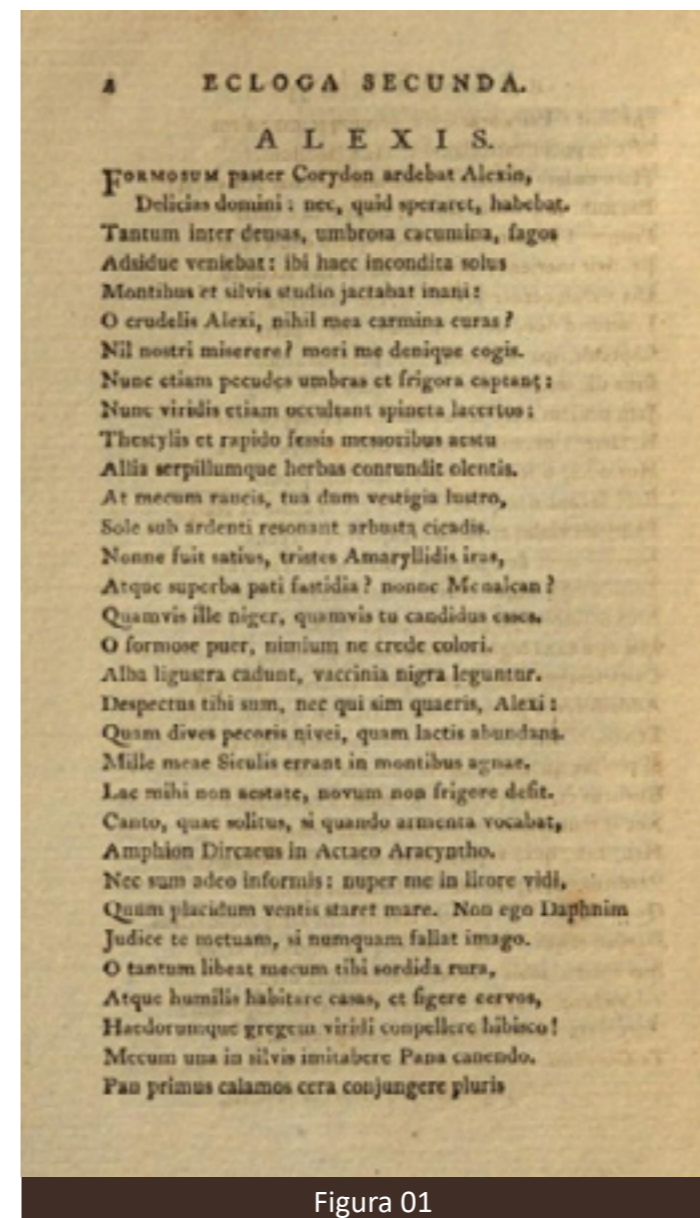


Figura 01

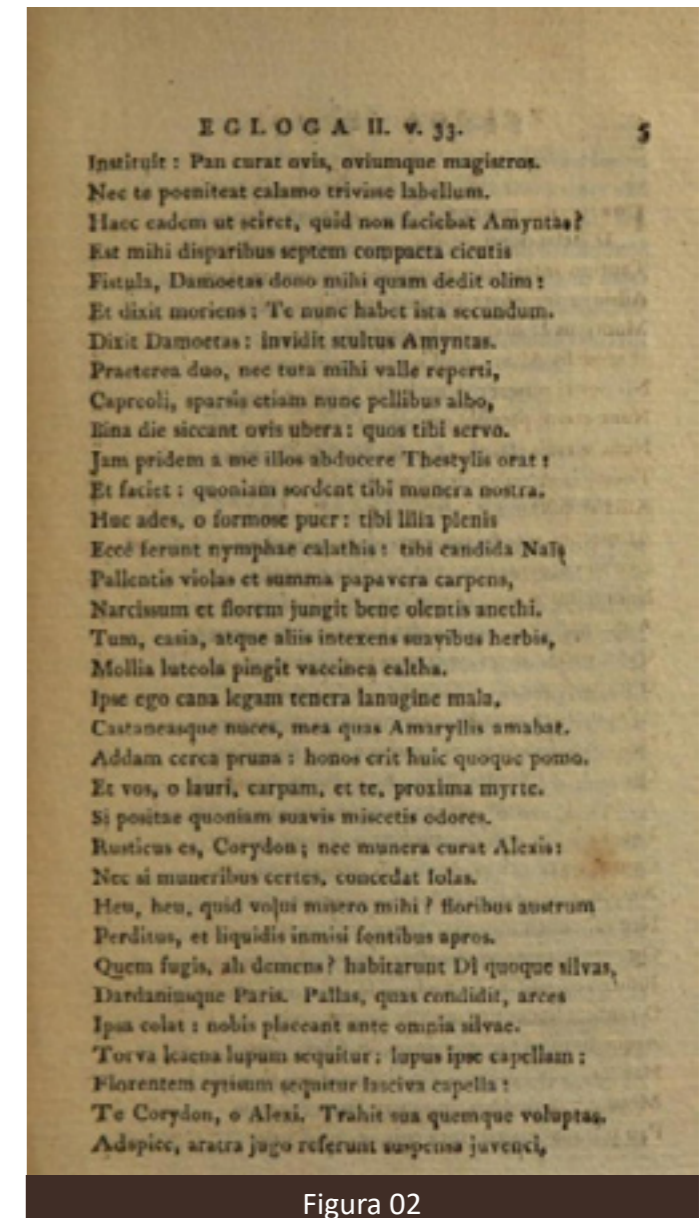


Figura 02

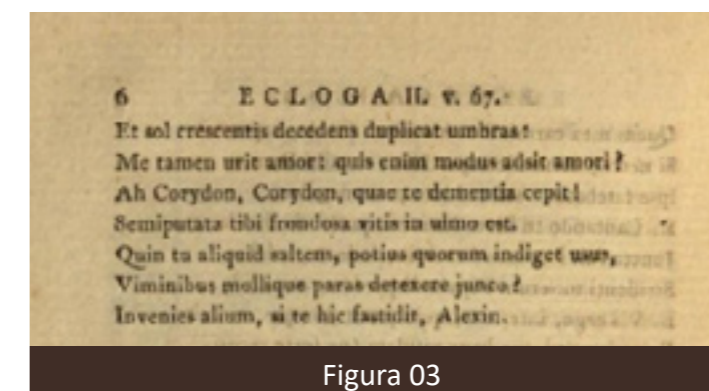


Figura 03



## ANÁLISE LEXICAL DO POEMA

Em diferentes momentos do poema, Virgílio emprega adjetivos e epítetos para descrever Alexis, como:

**FORMOSUM**

(v. 01), acusativo de *formosus* : formoso, belo.

**Delicias domini**

(v. 02) delícias de seu senhor (emprega-se o genitivo singular para *dominus*)

**crudelis**

(v. 06) adj. cruel.

**candidus**

(v. 16) adj. Branco, cândido.

**formose puer formose puer**

(v.17) e (v. 45) voc. Formoso/ belo menino.

Da mesma maneira, são usados diferentes verbos e locuções para referir-se o personagem ao amado, tais quais:

**ardebat**

(v. 01) arder, em referência à Corydon. É dizer: "Corydon ardia (de amor) por Alexis.

**curas**

(v. 06) cuidar.

**mori me denique cogis.**

(v. 07) "somente a morrer me obrigas"; também em referência a Corydon.

**mori me denique cogis.**

(v. 17) "não creias demais na cor". Nessa passagem, o pastor faz uma anáfora da expressão "*alba ligustra cadunt, vaccinia nigra leguntur.*" e retoma a comparação entre Alexis (*candidus*) e Menalcas (*niger*).

**curas**

(v. 58).

**sequitur sequitur**

(v. 65) e (v. 66) do verbo "seguir". É usado em referência aos animais que buscam uns aos outros. No v. 67, Virgílio emprega a forma elíptica "*te Corydon, o Alexi*". Isto é "a ti (te busca também) Corydon, ó Alexis".

Evidentemente, tais empregos carregam, junto a si, características culturais subjacentes ao seu tempo, à sua língua e ao gênero textual aqui empregado.

À nível textual, percebemos que a visão de Corydon sobre Alexis é completamente carnal. Corydon frequentemente enaltece a beleza do escravo, descrevendo-o por duas vezes como "formoso menino". Ainda diz o pastor que Alexis era "as delícias de seu senhor". Tal passagem evidencia a naturalidade com que os senhores mantinham relações sexuais com os jovens escravizados.

Outrossim, em todos os seis momentos em que o pastor emprega adjetivos e epítetos para referir-se ao jovem, em apenas um surge uma característica psicológica. Ainda assim, o termo empregado é "*crudelis*".

Por outro lado, em diferentes momentos, o poeta destaca, pelas construções lexicais, o sofrimento do pastor, como no

emprego do verbo *ardere*. É implícito que o amor de Corydon o fazia sofrer, tanto pelo incorrespondido desejo quanto pelo desprezo que lhe tinha Alexis. Nos v. 12-13, o poeta ainda afirma, pela voz de Corydon:

**At mecum raucis, tua dum vestigia lustrō,  
Sole sub ardenti resonant arbusta cicadis.**

É dizer: as cigarras – junto com o pastor- perdiam sua voz na busca pelo amado Alexis (SOUZA, E., 2019).

Enfim, podemos concluir que o amor de Corydon é material, corpóreo e humano. Não se poderia dizer, contudo, que, por isso, não seja ele também sincero, pois a cisão entre o que seria um *divinus amor* e um *corporeus amor* não existia, senão que essa se faz presente com a ascensão do Cristianismo na Idade Média (SOUZA, T., 2007). Dessa forma, o corpo e a alma estão sintonizados e participam diretamente do sentimento. O amor, pois, se vive com o corpo e nele se reflete como dor e como poesia.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À título de conclusão, podemos perceber que o texto literário é passível de diferentes leituras mediante o curso de diferentes épocas e conjunturas socioculturais. Tais recursos, destarte, se encontram em esfera subjacente à materialidade do texto e são de fundamental relevância para sua compreensão.

Ademais, no âmbito da poética latina, é mister que tenhamos em vista a configuração do *éthos* latino para destacarmos o sentido poético da égloga segunda frente àquela sociedade. Diante dessa perspectiva, aduzimos que o amor experienciado nesse contexto não é da mesma natureza do amor romântico, nem tampouco almeja sê-lo. Pelo contrário, o reconhecimento do corpo como partícipe direto do desejo

e da paixão, é característico da perspectiva poética aqui empregada por Virgílio Maro.

Além disso, ressaltamos a necessidade de uma leitura baseada na materialidade textual. Isto é, da necessidade de analisarmos o texto, sem nos limitarmos à cena discursiva que o compõe. Por essa razão, no decorrer do presente artigo, elencamos as construções lexicais que se referem ao sentimento de Corydon por Alexis e como essas sublinham os elementos constitutivos da perspectiva histórico-cultural da Antiguidade Clássica.

Em suma, enfatizamos o caráter multi-dimensional da obra literária, cuja leitura é capaz de oferecer infinitos objetos de estudo a muitas ciências. Nessa perspectiva, reafirmamos a possibilidade de muitas outras interpretações diante de distintos olhares teóricos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. **Escravidão na Roma Antiga**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/escravidao-na-roma-antiga/>. Acesso em: 10 de mar. 2023.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica: história externa das línguas**. V.1, Editora da USP, São Paulo, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, vol I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 17ª edição.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2002.

GRIMAL, Pierre. **O amor em Roma**. Lisboa: Edições 70, 2005.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à filologia e à linguística portuguesa**. Rio de Janeiro. Ed. Ao Livro Técnico, 1981.

POSSAMAI, Paulo César. **O HOMOEROTISMO NA ROMA ANTIGA**. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/humanidades/ARTIGOS/GT11/Homoerotismo%20em%20Roma.docx>. Acesso em: 28 de dez. de 2022.

SOUZA, Erick France Meire de. **AS BUCÓLICAS DE PÚBLIO VIRGÍLIO MARO: TRADUÇÃO E ESTUDO À LUZ DE APARATO ETIMOLÓGICO E DE SIMBOLOGIA DA FLORA**. (Tese de Doutorado). UFPB. João Pessoa, 2019. Disponível em: [ErickFranceMeiraDeSouza\\_Tese.pdf](#) (ufpb.br). Acesso em: 26 de dez. de 2022.

SOUZA, Thuany Barbosa de. **AMOR ROMÂNTICO**. (Trabalho de Conclusão de Curso-Bacharelado). UniCEUB – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1833/2/20366245.pdf>. Acesso em: 10 de mar. 2023.

VIRGILIUS. Ex-editione. BURMANNI, Petri. **BVCOLICA, GEORGICA ET AENEIS**. GLASGUAE: IN AEDIBUS ACADEMICIS, EXCUDEBAT ANDREAS FOULIS, ACADEMIAE TYPOGRAPHUS. M.DCC.LXXXIV. Glasgae, 1784. Disponível em: [Publii Virgillii Maronis Bucolica, Georgica et Aeneis. Ex editione Petri Burmanni - Publius Vergilius Maro - Google Livros](#). Acesso em: 04 de mar. 2023.